

Recém-nascido corre risco de vida

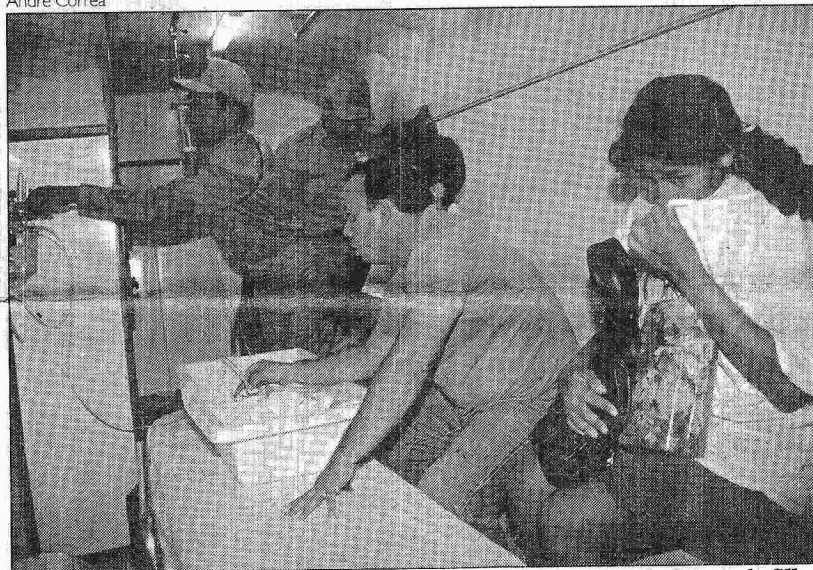
Mauro Zanatta

Da equipe do Correio

O estado de saúde do bebê de oito dias, filho de Odete Rodrigues da Silva, 23 anos, que chegou ontem de madrugada a Brasília, é considerado muito grave e com alto risco de vida. "Ela deu uma piorada lá em cima", disse o neonatologista Alberto Volponi, que acompanhou o bebê durante as três horas de vôo entre Boa Vista e Brasília. Segundo o boletim médico do Hospital Regional da Asa Norte (-Hran), o menino está com icterícia — pele amarelada por excesso de bilis no sangue —, tem o fígado e o baço acima do tamanho normal e não reage a nenhum estímulo. "A gente apalpa as costelas dele e percebe que os órgãos estão bastante inchados", afirmou o médico Bonifácio Alvim, diretor assistencial da Secretaria de Saúde do Distrito Federal.

O bebê, de 3,850 quilos, está sem comer desde que chegou ao setor de alto risco, no berçário do Hran. Recebe soro, oxigênio e antibióticos dentro da incubadora, onde se recupera de uma parada respiratória e da crise convulsiva que teve ainda quando estava no Hospital Materno-Infantil Nossa Senhora de Nazaré, em Boa Vista. Como o bebê ficou com a mãe quatro horas depois de nascer e só depois de 18 horas após o parto teve seu quadro complicado, as suspeitas são mes-

André Corrêa



Odete, a mãe do recém-nascido que veio de Boa Vista, teme pelo futuro do filho

mo de infecção hospitalar. Amstras de sangue do garoto já foram colhidas e aguardam uma conclusão do laboratório.

TUBOS DE OXIGÊNIO

O menino, segundo filho de Odete — sobrevivente da tragédia que registrou 33 mortes em apenas 29 dias em Boa Vista —, desembarcou em Brasília à meia-noite e dez de ontem, a bordo do Lear Jet do governo de Roraima. Entre tubos de oxigênio e antibióticos, a mãe do garoto chorava muito. "Ai, meu Deus, não sei o que vai acontecer com ele. Não me lembro de nada, acho que fiquei em coma", deseperou-se.

O bebê seguiu para o Hran e Odete para um hotel, no Núcleo Bandeirante. Durante todo o dia de ontem ela permaneceu no quarto e foi aconselhada pelas assistentes sociais da representação de Roraima em Brasília a não sair de lá. "Eles mandaram a gente ficar aqui. Estamos com muito medo e não sabemos do estado do nenê", desabafou Adriana, irmã de Odete. Porém, o médico Bonifácio Alvim, que não sabia da presença de Odete em Brasília, estranhou que ela não estivesse ao lado do filho. "A infecção pode se complicar, e o bebê pode até morrer. Seria importante que a mãe ficasse junto da criança nessa hora", aconselhou.